

JORGE AMADO E O NEO-REALISMO PORTUGUÊS

Edvaldo A. Bergamo
Professor (UFG)
Doutorando (UNESP/Assis)

A literatura de ênfase social em língua portuguesa no século XX caracteriza-se por um sentido de empenho e de denúncia na representação das contradições sócio-políticas e econômicas, adquirido a partir de produções literárias que registram a marginalização ou a degradação do homem em sociedade. Tais preocupações ocuparam o primeiro plano a partir dos anos 30, quando ocorre uma conscientização dos efeitos desastrosos do subdesenvolvimento, refletidos em grandes desajustes sociais. O romance engajado torna-se um instrumento comprometido em esquadriñar essa realidade problemática.

Pensando no que Adorno chama de “conteúdo em favor do qual o artista se engaja”¹, a consciência política do escritor em relação ao atraso e à debilidade cultural, provocada pelo subdesenvolvimento, torna-se um dado relevante para se pensar as questões nacionais, mediante uma literatura empenhada em investigar as causas dos problemas sociais registrados. A aliança entre o projeto estético e o projeto ideológico² é o acontecimento relevante do período, marcando a atitude intervencionista do escritor participante. No Brasil dos anos 30 e em Portugal dos anos 40, essa literatura de tendência social estava sempre associada ao espírito de combate que caracteriza o engajamento literário, tendo em vista o contexto político-social que marcou as narrativas produzidas naquele momento, sobressaindo os desajustes econômicos e as polarizações ideológicas. Refletindo sobre a literatura praticada nos anos 30, Antonio Candido acaba

¹ ADORNO, T. W. *Notas de literatura* (Trad. de Celeste Aída Galeão) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. p. 54.

² LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

desenhando um quadro que não se restringe ao caso brasileiro, pois configura um posicionamento que abrange outros sistemas literários:

A sua expansão (Modernismo) coincidiu com a radicalização posterior à crise de 1929, que marcou em todo o mundo civilizado uma fase nova de inquietação social e ideológica. Em consequência, manifestou-se uma “ida ao povo”, um *V Narod*, por toda parte e também aqui, onde foi o coroamento natural da pesquisa localista, da redefinição cultural desencadeada em 1922. A alegria turbulenta e iconoclasta dos modernistas preparou, no Brasil, os caminhos para a arte interessada e a investigação histórico-sociológica do decênio de 30.³

Essa “ida ao povo”, aqui no Brasil, precede a semelhante atitude que ocorrerá em Portugal, com o movimento neo-realista, posto que a atmosfera de engajamento político-social afetou os diversos sistemas literários em língua portuguesa. Houve uma unânime tendência em enfatizar o projeto ideológico nas produções do período, sendo representante paradigmático, nesse sentido, o romance engajado de Jorge Amado. A equivalência literária e ideológica entre os autores brasileiros e portugueses pode ser compreendida a partir da visão de Maria Aparecida Santilli sobre a interação dinâmica que envolve as literaturas de língua portuguesa:

O processo de vasos comunicantes que a língua/cultura portuguesa deixou com mais ou menos desobstruções ao longo deste século, enquanto canais de fluxos literários, talvez ora seja um dos pertinentes caminhos de pesquisa, em torno das chamadas literaturas “de expressão portuguesa”. O rodízio de motivos se constituirá, quem sabe, uma das fórmulas de aferir entre elas, sobre o cruzamento de seu *gens* primitivo e adventício, o pressuposto de cada unidade, também respaldado por essas sucessivas transfusões que a circulação promove, costurando-as umas às outras, em sua diversidade.⁴ (grifo da autora)

Jorge Amado iniciou sua trajetória de escritor participante durante a efervescência político-ideológica da década de 1930, cujos impasses exigiram dos escritores posições nítidas

³ CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 7ª ed, São Paulo: Nacional, 1985. p. 124.

⁴ SANTILLI, M. A. *Africanidade*. São Paulo: Ática, 1985. p. 8.

frente aos problemas que envolviam todos os setores da sociedade. A publicação do romance *Cacau* (1933), que reflete a guinada ideológica do escritor em favor de um posicionamento interessado da literatura, revertida somente a partir de *Gabriela, cravo e canela* (1958), foi um acontecimento relevante e oferece um possível retrato dos dilemas artísticos da época. *Cacau* enfatiza, como sugere a famosa epígrafe, o vínculo entre literatura e preocupação social, uma vez que possibilitaria a conscientização dos problemas sócio-econômicos retratados e a ênfase da narrativa na defesa dos interesses do marginalizado, “assumindo o ângulo espoliado”⁵, como afirma Antonio Candido. Este posicionamento será a marca do período: uma literatura em que o estético procura se aliar ao social para criar uma mensagem ideologicamente intervencionista no meio do qual surgiu.

A partir dos anos 30, o fenômeno do engajamento literário torna-se um modelo supranacional nos países de língua portuguesa, atuando como uma forma de revelação dos desequilíbrios sociais, através de uma perspectiva que conciliava literatura e política. Sendo assim, é compreensível a atmosfera artístico-ideológica que aproxima escritores brasileiros e portugueses. A aliança entre o estético e o ideológico, que aparece em Jorge Amado, repercutiu vivamente em Portugal como uma resposta aos impasses históricos do período.

A definição do neo-realismo português por Carlos Reis mostra-se bastante esclarecedora, uma vez que delinea o projeto estético-ideológico das produções engajadas dos autores portugueses:

O neo-realismo baseia-se numa concepção marxista do fenômeno literário. Daí que o escritor comece por afirmar a sua condição de entidade socialmente posicionada e, por isso, sintonizada com os problemas sociais, políticos e econômicos do seu tempo; assim, encarando a literatura como uma forma de consciência social, o neo-

⁵ CANDIDO, A *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 204.

realismo valoriza a dimensão ideológica da criação literária, bem como a sua capacidade de intervenção sociopolítica, à luz dos princípios fundamentais do materialismo histórico. Com base nestas coordenadas, à literatura cabe fundamentalmente uma missão desmistificadora de contradições de natureza socioeconômica, sobretudo concretizada pela sua possibilidade de, articulando-se com a história, refletir essas realidades normalmente deprimentes.⁶

A crítica literária portuguesa, principalmente a de orientação neo-realista, não ficou insensível às mudanças estéticas e ideológicas implantadas com o romance brasileiro na década de 30. Para Alvaro Salema, a intensa produção ficcional de Jorge Amado, nessa década, teve um grande significado para a explosão do neo-realismo português no decênio posterior, notadamente a densa carga ideológica e militante impregnada na produção do escritor baiano:

Pelo final da década de 30 e começo da década de 40 a obra de Jorge Amado assume uma inflexão ideológica e militante que é aceita com inteira consciência. Literatura e militantismo, sob um forma ou outra, são indissociáveis em toda a obra do escritor até os dias de hoje, mas revestem nesse período um cunho de missão que é cumprida devotamente.⁷

Apesar do percurso, quase sempre negativo, percorrido pela crítica brasileira para analisar a produção romanesca de Jorge Amado, sua recepção em Portugal foi bastante calorosa por parte dos primeiros escritores e críticos do neo-realismo. A contribuição da obra de Jorge Amado é considerada inegável para a reformulação do romance português da década de 1940, mostrando caminhos novos a serem explorados, mediante “uma atitude interessada pela realidade contemporânea”⁸, como propunha Mário de Andrade. O engajamento literário de Jorge Amado foi um elemento inovador nas literaturas de língua portuguesa, visto que impunha à literatura uma visão problematizadora da realidade, na qual diversos autores neo-realistas portugueses

⁶ REIS, C. *Textos teóricos do neo-realismo português*. Lisboa: Seara Nova, 1981. p. 16.

⁷ SALEMA, A *Jorge Amado: o homem e a obra, presença em Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1982. p. 35.

⁸ ANDRADE, M. O movimento modernista *Aspectos da literatura brasileira* 6^a ed, São Paulo: Martins, 1978. p. 253.

inspiração, revelando assim a importância do escritor brasileiro, principalmente na primeira fase do neo-realismo português. Segundo Adolfo Casais Monteiro,

O extraordinário sucesso da obra de Jorge Amado entre nós não se deve apenas à qualidade literária de obras como *Mar morto*, *Capitães da areia* ou *Jubiabá*, nem apenas à sua intenção social: deve-se, ao mesmo tempo, quer-me parecer, ao fato de nos oferecer uma visão da vida em que os valores humanos têm o seu lugar, em que o homem aparece oscilando entre os extremos que o atraem alternadamente, e não planejado, achatado, aniquilado, numa maleabilidade de figura de cera que não lhe deixasse por onde nos identificarmos com ele.⁹

Na verdade, a obra engajada de Jorge Amado, de *Cacau* (1933) a *Subterrâneos da liberdade* (1952), desempenha um papel fundamental na história da literatura de ênfase social em língua portuguesa no século XX, ao propor uma aliança provavelmente pioneira entre projeto estético e projeto ideológico. Essa conflituosa interação, aliando literatura e política, tornou, indubitavelmente, sua produção romanesca um paradigma no âmbito das literaturas de língua portuguesa. Tal projeto previa a valorização e elevação do trabalhador ou do marginalizado como motivação estética, dando-lhe voz ativa¹⁰, numa postura solidária à sua causa político-social: uma atitude empenhada bastante significativa naquele momento histórico. A opinião de Alexandre Pinheiro Torres parece coadunar com tal assertiva. Para o crítico,

Do ponto de vista do meridiano português, uma crítica de cariz sociológico aos romances de Jorge Amado mostrar-se-ia, certamente, muitíssimo elucidativa. Não é aqui o lugar para a fazer, embora seja o lugar para lembrar quanto a forma de enfoque da realidade brasileira que Jorge Amado utilizou veio influenciar a escolha de um caminho por certos ficcionistas portugueses.¹¹

⁹ MONTEIRO, A C. *O romance (teoria e crítica)* Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. p. 202.

¹⁰ DUARTE, E. *A Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.

¹¹ TORRES, A P. *Jorge Amado, com um estudo e documentos diversos*. Lisboa: Europa-América, 1964. p. 2.

Para Honório Nunes, por sua vez, “a forma de enfocamento da realidade brasileira” repercutiu ostensivamente entre os críticos neo-realistas portugueses, a partir de “três núcleos fundamentais de reflexão”:

A questão da natureza intrínseca do texto literário, da sua dimensão modelar e da sua repercussão; a questão do formato e da vocação social do romance de matriz realista; a questão do herói e do seu perfil. (...) [Entretanto] a grande diferença, ou melhor aquilo que do romance nordestino, e em especial da obra de Jorge Amado, não logrou passar foi essa medular perspectiva eufórica do vida enquanto desdobramento concreto da esperança; a autenticidade hedonística que transforma o percurso trágico da existência em simultânea vivência do mito.¹²

Como podemos perceber, o engajamento literário deve ser interpretado como uma ampliação de interesse do intelectual militante. Como fenômeno supranacional nos países de língua portuguesa, atuou em favor das reivindicações sociais vigentes, através de uma perspectiva que conciliava literatura e política. O interesse pela representação das tensões sociais em voga, geradas com a crise econômica posterior a 1929, é a tônica dominante, definida a partir de uma alargamento de perspectivas sem precedentes, tanto na tentativa de retratar o quadro geral de uma sociedade em mudança (decadência da aristocracia rural), quanto no posicionamento de reivindicação de reformas sociais que incluíssem as massas trabalhadoras (formação do proletariado). O que se observou, a partir do anos 30, foi uma confluência de atitudes empenhadas ideologicamente que interagem dinamicamente no interior do macrossistema das literaturas de língua portuguesa¹³, caracterizando assim a “reversibilidade de experiências e a

¹² NUNES, H. Te contarei agora a história do herói: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. LANCIANI, G. (org.) *Jorge Amado: ricette narrative*. Roma: Bulzoni, 1994. pp. 90, 91 e 94.

¹³ ABDALA JR., B. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989.

circulação de valores”¹⁴. O próprio Jorge Amado apresenta a atmosfera estético-ideológica que define a década de 30, demonstrando o significado do engajamento literário para a sua geração:

Minha geração, esses romancistas do ano trinta, chegava para a vida e para a criação novelística com o peito oprimido sob a angústia do Brasil e do homem brasileiro, em busca do caminho para solução dos nossos problemas. Variados foram os caminhos seguidos mas o ponto de partida era o mesmo: o amor pelo Brasil e ao seu povo, a necessidade de solidarizar-se com o homem e o seu drama, fosse o drama da terra e da fábrica, fosse o drama interior de sua solidão.¹⁵

Os neo-realistas portugueses compreenderam muito bem o sentido grandioso dessa atitude dos romancistas brasileiros de 30, como atesta Jorge Amado, basta ler Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Fernando Namora, Manuel da Fonseca ou Carlos de Oliveira.

De acordo com Adorno¹⁶, o engajamento pode ter uma dimensão muito produtiva e que a arte naturalista comprovou isso, quando foi mais avançada que seu próprio programa. Ainda que a literatura engajada não modifique propriamente as estruturas sociais vigentes, vitimadas por forças opressivas, todavia, possui um poder sugestivo e ambíguo no tocante ao questionamento do real e à proposição de alternativas para os impasses históricos, traduzidos num inconformismo que impulsiona utopicamente a criação de imagens de um novo *devir*. “Se ‘no plano da história o sujeito não modifica o mundo’, o discurso literário, entretanto, o direcionaria a mudar sua posição diante dele [o mundo]”¹⁷. Essa é a matéria teleológica dos principais romances brasileiros da década de 30, incluindo os de Jorge Amado, aproveitada inteiramente pelo neo-realistas portugueses.

¹⁴ CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p. 215

¹⁵ AMADO, J. *Discursos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p. 19

¹⁶ ADORNO, T. *Teoria estética*. (Trad. de Artur Morão). São Paulo: Martins Fontes, 1972.

¹⁷ SANTILLI, M. A Prefácio. ABDALA, B. *A escrita neo-realista*. São Paulo: Ática, 1981. p. x

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABDALA JR., B. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989.
- ADORNO, T. W. *Notas de literatura* (Trad. de Celeste Aída Galeão) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
- _____. *Teoria estética*. (Trad. de Artur Morão). São Paulo: Martins Fontes, 1972.
- AMADO, J. *Discursos* Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.
- ANDRADE, M. O movimento modernista. *Aspectos da literatura brasileira* 6^a ed, São Paulo: Martins, 1978.
- CANDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. *Literatura e sociedade*. 7^a ed, São Paulo: Nacional, 1985.
- DUARTE, E. *A Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record; Natal: UFRN, 1996.
- LAFETÁ, J. L. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- MONTEIRO, A C. *O romance (teoria e crítica)* Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- NUNES, H. Te contarei agora a história do herói: Jorge Amado e o neo-realismo literário português. LANCIANI, G. (org.) *Jorge Amado: ricette narrative*. Roma: Bulzoni, 1994.
- REIS, C. *Textos teóricos do neo-realismo português*. Lisboa: Seara Nova, 1981.
- SALEMA, A *Jorge Amado: o homem e a obra, presença em Portugal*. Lisboa: Europa-América, 1982.
- SANTILLI, M. A. *Africanidade*. São Paulo, Ática, 1985
- _____. Prefácio. ABDALA, B. *A escrita neo-realista* São Paulo: Ática, 1981.
- TORRES, A P. *Jorge Amado, com um estudo e documentos diversos*. Lisboa: Europa-América, 1964.